

---

“Chamo nosso mundo de Planolândia não por ser assim que o chamamos, mas para deixar sua natureza mais clara a vocês, meus ditosos leitores, que têm o privilégio de viver no espaço. Imagine uma grande folha de papel sobre a qual linhas retas, triângulos, quadrados, pentágonos, hexágonos e outras figuras, em vez de ficarem fixos em seus lugares, movem-se livremente em uma superfície, mas sem o poder de se elevarem sobre ela ou de mergulharem abaixo dela, assim como as sombras – só que com bordas firmes e luminosas. Assim você terá uma noção bem correta de meu país e de meus compatriotas. Ai de mim, há alguns anos, eu teria dito “meu universo”, mas agora minha mente se abriu para perspectivas mais amplas das coisas!”

## O MUNDO

### A ARTE DA CONVERSAÇÃO

O clérigo inglês Edwin Abbott escreveu *Planolândia* em 1884. O livro tem a voz característica de uma carta enviada por alguém distante – e que se sente, de certa maneira, confinado (num espaço-tempo outro). Parece ser intransponível a distância que separa o ditoso leitor do confinado autor, remetente do livro-carta. Mas notamos que não se trata de uma distância ou impedimento físico e sim, essencialmente, de uma distância cognitiva. O autor pretende explicar o seu país a um forasteiro que, além de não ter a menor possibilidade de visitar tal país, corre seriamente o risco de não compreendê-lo por falta de um vocabulário transcultural ou de uma epistemologia em comum, necessária para que o forasteiro alcance o conhecimento da diferença e a consciência da diversidade do mundo.

*Planolândia* é uma sátira sobre o preconceito da sociedade inglesa vitoriana, a estreiteza da sua percepção e o controle dos comportamentos, tornando-se, quando da sua publicação, um êxito instantâneo. Mas, nas suas entrelinhas intemporais, percebemos que *Planolândia* pode ser também uma fábula sobre os códigos de representação que inventamos para , desde sempre, e que transformamos por comodidade acrítica em algo natural.

Uma fábula que imagina o próprio espaço da representação territorial súbita e vividamente ocupado por inusitados habitantes das duas dimensões. Algo que seria, aos nossos olhos, simultaneamente mapa e espaço, instâncias geográficas consideradas distintas,

apesar de reciprocamente dependentes. Enquanto o mapa seria sinônimo de mensura e localização, o espaço corresponderia à ação e ao acontecimento – mas isso não faz o mínimo sentido em *Planolândia*. Tudo se move ali mesmo, no plano da representação.

A justaposição quimérica operada em *Planolândia* revela um fato para nós desconcertante: para a grande maioria dos planolandeses, não há vida nem movimento possível que possa dar-se na exterioridade da superfície daquele país, fora dos limites de suas eternas planícies etnocêntricas... Situados no mundo de cá, feito de relevos e saliências – o que no livro é denominado *Espaço-lândia* – podemos perguntar: seria possível um mapa com tal grau de autonomia? Uma proposta de mundo tão desmesuradamente atópica? Um mundo-mapa capaz de manifestar a totalidade?

Do ponto de vista geográfico, é interessante encontrarmos no livro de Abbott o acorde literário da carta. Sendo, a seu modo, um dispositivo possível da métrica do mundo, a carta de fato pressupõe uma distância, sistematiza uma distinção de paisagem, possibilita um contato de diálogo e materializa um veículo singelo na sua capacidade expedicionária. Uma carta encarna, quilômetro por quilômetro, as medidas do mundo. Uma aventura de mão em mão que corta a cidade. Uma tarifa módica para . Para a conexão de mundos díspares. Um corpo amassadiço com o destino traçado e uma meta a alcançar. Uma artesanaria que fabrica singularidades. Um hábito remoto seria-

## BARRAS DE ROLAGEM

## PERMEÁVEL

mente ameaçado pelo conforto tecnológico atual, mas isso é uma outra história.

A carta, por avizinhamo etimológico, encontra-se com a cartografia, escrita do território ou *território de papel*, o que nos interessa especialmente aqui, na fronteira entre *Planolândia* e *Espaçolândia*. Os mapas eram antigamente chamados de cartas ou *khartes*, sinalizando o momento em que a fabricação do papiro possibilitou que migrassem das paredes nas quais eram desenhados para transformarem-se em objetos portáteis e valiosos e, no decurso da história, em objetos populares, mapas de bolso. A carta antiga logo transformou-se em instrumento de navegação, disputado por reinos rivais e atualizado quase em tempo real, na medida em que os navegadores reparavam o mundo existente e imediatamente o redesenhavam, o redimensionavam e disputavam o seu controle colonizador.

Entretanto, como em *Planolândia* ninguém conhece a terceira dimensão e conseqüentemente tampouco conhecem a perspectiva, temos ali um paradoxo. Se nenhum dos seus habitantes seria capaz de posicionar-se fora do plano, mirando de longe – o que corresponderia ao ofício onividente dos cartógrafos –, se o olhar vertical é inimaginável, como viver num mundo plano, onde todos os olhares debruçam-se no rés-do-chão?

Usualmente o cartógrafo é um observador que não está situado no mesmo plano daquilo que representa, mas, pelo contrário, encontra-se num ponto de vista privilegiado, muitas vezes aéreo, fora do domínio da re-

presentação. Todo cartógrafo é uma espécie de forasteiro ou está na condição de vir a ser um, mostrando o que ele vê e projeta ser o mundo. Apesar de *Planolândia* (não nos esqueçamos!) pressupor uma métrica complexa, composta por um dialeto matemático – “estranha mistura de problemas da vida e da Matemática” – ali a existência dos cartógrafos é impossível. Os caminhos são experimentados como e definem, na prática, o que poderíamos chamar de mobilidade territorial: para todos os lados do plano, mas não para cima ou para baixo dele.

O livro relata os rumores inerentes à folha de papel, ao plano da representação, às imagens icônicas e aos emblemas científicos que condensam a complexidade das coisas em poucas dimensões. O narrador tenta, numa expedição quase onírica, expandir as dimensões conhecidas, rumo à misteriosa *Espaçolândia*: “para cima, e não para o norte”, palavras de ordem matemática capazes de tornar possível o desprendimento da folha plana, a fuga do território de papel, o estado dos códigos de representação. O preço pago por tal vislumbre e deslumbramento é o comprometimento da sua liberdade de cidadão planolandês. Ao propor uma prática espacial transformadora, encontrou-se na iminência de tornar-se o autor de uma geografia experimental capaz de incorporar à *Planolândia*, simultaneamente, o otimismo da existência de um mundo melhor e a falta de garantias de tal mundo, significados acoplados à palavra *experimento*<sup>2</sup>.

## ANATOMIAS URBANAS

“Para cima, e não para o norte” sugere um manual de navegação insurgente. O plano, carta ou mapa a ser utilizado na navegação coincide aqui com a própria *Planolândia*, ensaio de geografia experimental. O desejo é transitar, em via de mão dupla, de *Planolândia* a *Espaçolândia*, propondo uma . Finalmente, podemos perceber que não é o mapa-mundi que guia o seu leitor, mas é o leitor que deve conduzir o mapa ao mundo. Assim, a *kharte* ou território de papel pode ser entendida como um veículo a ser conduzido por aquele que o decifra, o adensa com e lhe confere temporalidades fugidias, apesar da propriedade geográfica voraz disposta a transformar ação em legibilidade<sup>3</sup>.

As práticas espaciais – sejam elas informais ou artísticas – estão frequentemente a serviço da desconstrução da legibilidade cartográfica imposta, do rompimento com a sua sintaxe, da invenção de novas linguagens e da negociação cotidiana acerca da habitabilidade da representação do espaço. Assim, podemos ler o mapa não para nos localizarmos em um *grid* de coordenadas globais, mas para nos extraviarmos. Para nos lançarmos, emersos, para fora das convenções e dos códigos planejados por alguém distante. Nessa nova situação cartográfica, o mapa pode ser reinventado como ciência das qualidades em detrimento de campo das quantidades, propondo a ativação de alteridades do espaço – e aí reside o seu potencial político.

Se os mapas foram historicamente traçados em

algum lugar onde havia poder e desejo de controle, como cartas lançadas ao longe ou ordens expressas de legibilidade e prescrição da natureza, a sua relocação no território vivido permite a contaminação por outros imaginários de vida coletiva. O mapa entendido criticamente como lugar de poder leva a *kharte* a incorporar múltiplas narrativas e visualidades, como em *O Mapa do Mundo na Época dos Surrealistas* ou *América Invertida*. Em ambos os casos, pioneiros na história da arte ao reinventar o mapa como manifesto, a prática cartográfica é invadida por aqueles que não participaram da sua confecção e, desse modo, é posta a operar como relato discreto de um (outro) Novo Mundo possível.

No primeiro caso, um mapa de 1929 feito pelo grupo surrealista de Bruxelas, os Estados Unidos praticamente desaparecem, invadidos pelo México; vários países têm o seu tamanho alterado; a Europa é reduzida a poucos estados e a linha do Equador titubeia, elástica, como se não aceitasse a sua posição fixa média, norma adotada para que se fugisse da dificuldade de se representar uma linha imaginária que é inconstante devido à oscilação do eixo de rotação da Terra. E justamente onde o globo é abstratamente rasgado e aberto para que assim se comporte como um plano, entre o Alasca e a Rússia, temos o novo centro proposto pelo mapa-mundi surrealista.

Joaquín Torres García desenha em 1943 a *América Invertida*, nosso segundo exemplo, um mapa feito desde a perspectiva de Montevidéu, cidade na qual vivia.

## ATLAS

No novo desenho proposto há ícones, coordenadas e a linha imaginária que divide a Terra nos hemisférios setentrional e meridional – elementos cartográficos familiares. Entretanto, o potencial de linha imaginária do Equador é mais uma vez posto para funcionar, concebendo outras ordenações para o mundo. A linha se fixa, ao contrário do mapa surrealista, mas agora é o território que se inverte tendo-a como eixo de rotação. Como escreveu Torres García em *La escuela del Sur*, alguns anos antes, localizar-se é uma operação complexa e um ato cultural, o que implica entender as relações que se travam na prática espacial em vez de aceitar convenções que carregam significados políticos colonizadores.

Em decorrência de tal operação, o mapa ressurge como matéria panfletária capaz de enunciar manifestos e guiar revoluções; plataforma receptiva ao tempo e à performatividade dos corpos que, na sua condição de movimento “para cima, e não para o norte”, ativa espacialidades pertencentes à *Espaçolândia*. Se *Planolândia* é um mapa cego de mundo, o que esse país nos ensina é a própria consciência dos limites da representação e da falta de ingenuidade de todo mapa.

Afinal um mapa cego! – tal qual o sonho de Jorge Luis Borges<sup>4</sup>, mas às avessas. Se, como relatou Borges, o desejo de perfeição cartográfica logrou uma vez fazer um mapa na escala real do Império que intencionava representar, a constatação de que “esse dilatado mapa era inútil” evidenciou a fronteira abissal entre o

mundo e a sua representação científica. E se, por outro lado, *Planolândia* não enxerga o que está além de si, é justamente para deixar claro o seu poder fabulador.

É importante lembrar que, no final da vida, Borges publicou um *Atlas*, justamente quando já havia deixado de enxergar há décadas e decidiu, com Maria Kodama, visitar o mundo sob essa condição<sup>5</sup>. A pretensão de onividência do cartógrafo cede lugar a categorias inéditas de experiência e discurso cartográfico num atlas literário encorpado por memórias e mitologias na escala singular de um viajante cego. Como definir a precisa utilidade de um mapa?

---

**1** ABBOTT, Edwin. **Planolândia**.

São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

**2** THOMPSON, Nato (Ed.). **Experimental geography**.

New York: Melville House Publishing, 2008.

**3** CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**.

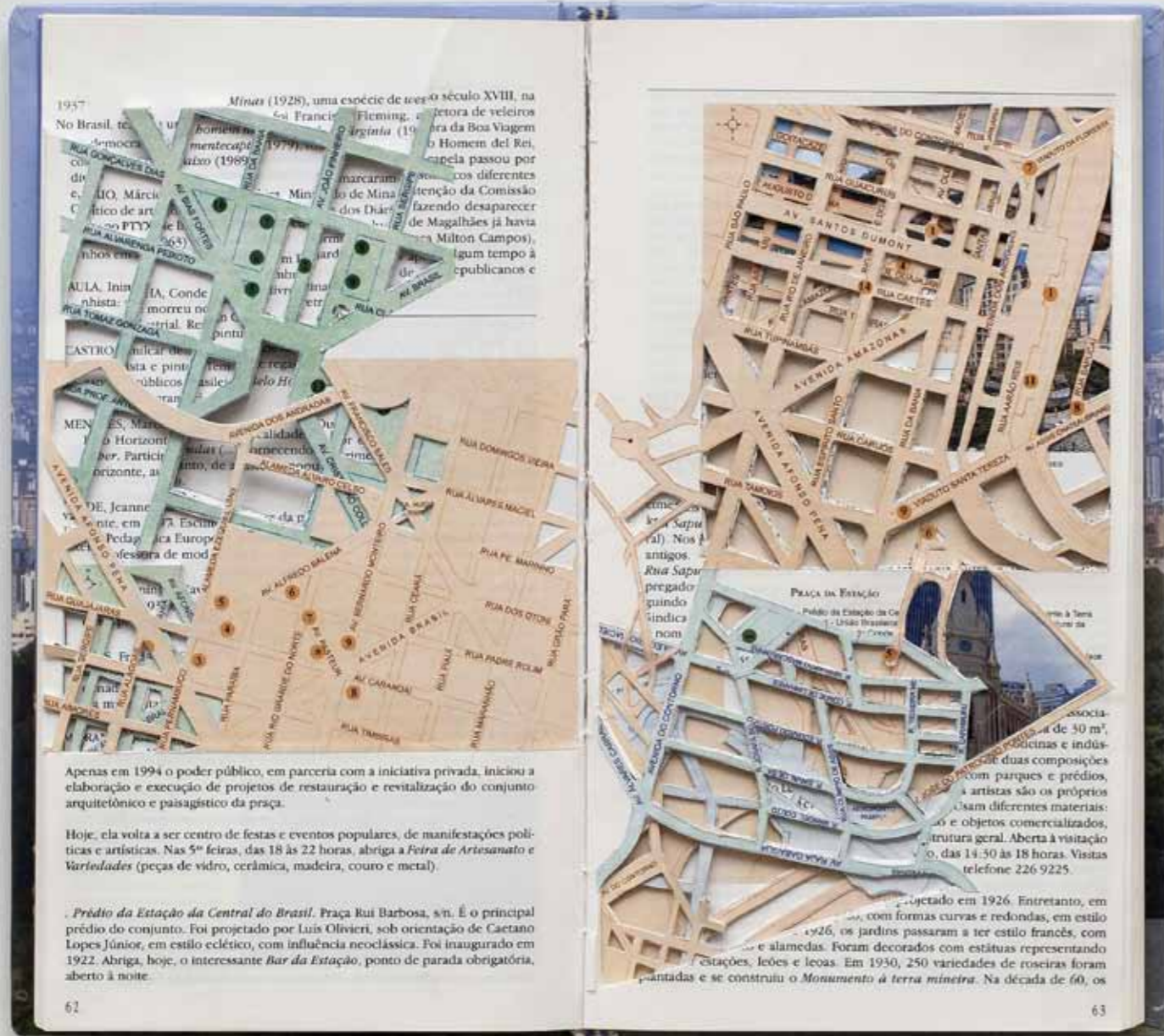
**1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

**4** BORGES, Jorge Luis. Do rigor na ciência.

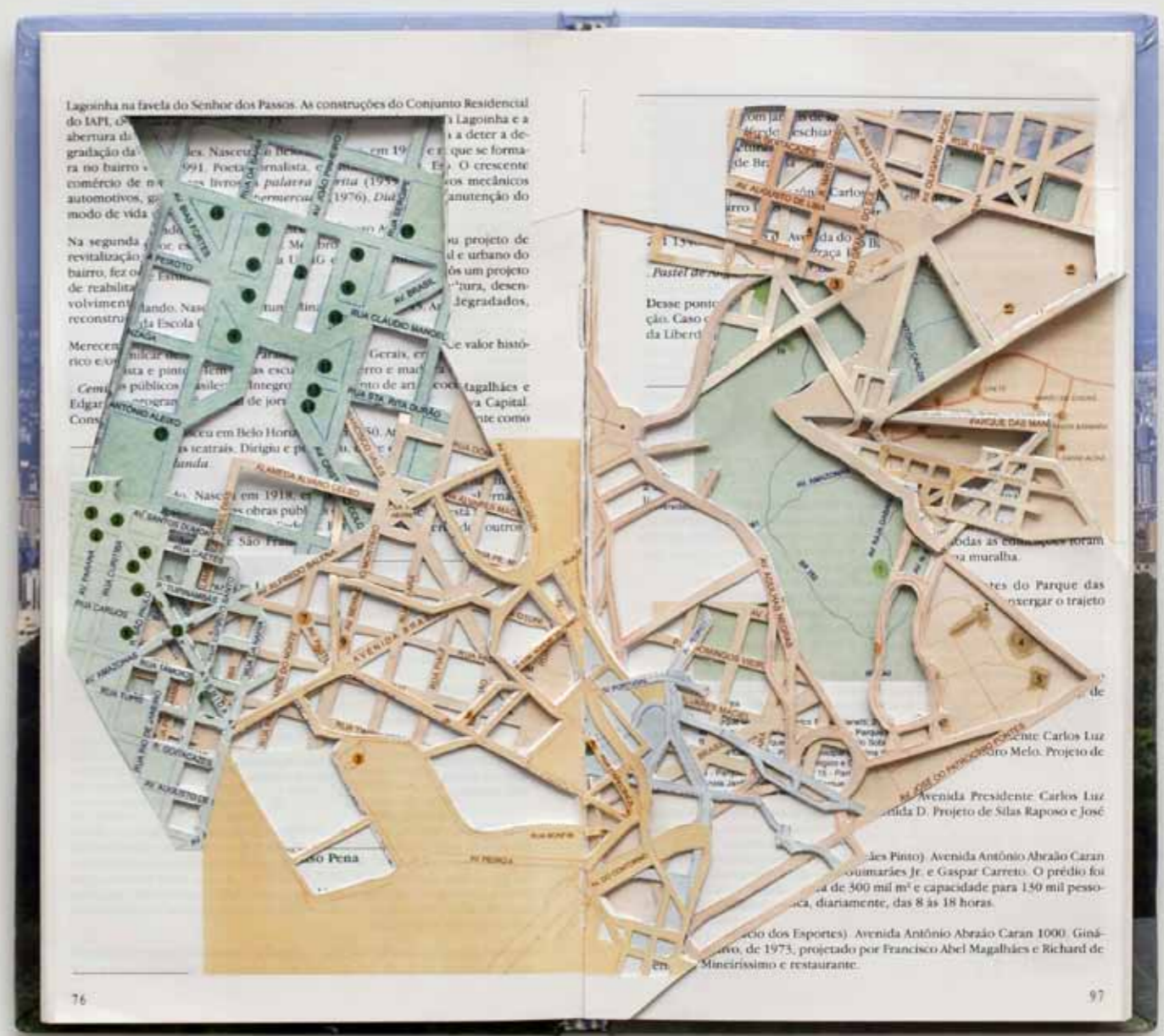
In: **História universal da infâmia**. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

**5** BORGES, Jorge Luis; KODAMA, Maria. **Atlas**.

São Paulo: Companhia das Letras, 2010.



ATLAS DE ANATOMIA URBANA 62-63 2011  
Recortes sobre guia turístico de Belo Horizonte | Cut-outs in guidebook for Belo Horizonte | 21 x 23 x 2,5 cm



ATLAS DE ANATOMIA URBANA 76-97 2011  
Recortes sobre guia turístico de Belo Horizonte | Cut-outs in guidebook for Belo Horizonte | 21 x 23 x 2,5 cm